

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

1

Será que eu sou diferente...?

Ilda Taborda ()*

Sexualidade é um aspeto central do ser humano, que acompanha toda a vida e que envolve o sexo, a identidade, papéis de género, orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em sentimentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Se a sexualidade pode incluir todas estas dimensões, nem sempre elas são experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, culturais, éticos, legais, religiosos e espirituais. OMS (2002)

*Ser humano é ser sexual.**Winder, 1983*

Quando falamos em pessoas com deficiência, imediatamente nos surgem pensamentos negativos e preconceituosos, mas, se acrescentarmos a palavra “sexualidade”, tudo piora. Sem sabermos porquê, deixamos de ver as pessoas com deficiência como pessoas com direito a viverem a sua sexualidade plenamente.

Há quem ainda pense que a deficiência é a manifestação visível de “pecados sexuais”, um castigo de Deus. E, se a sexualidade, de uma maneira geral, está rodeada de tabus, a sexualidade das pessoas com deficiência é encarada como uma perversão que deve ser evitada a todo o custo. Contudo, “A sexualidade é a mais normal das características humanas, e é sentida de maneira idêntica por deficientes e não deficientes” (Craft & Craft). Já o Papa João Paulo II referiu (DN, 18/1/2004) que “A pessoa deficiente tem uma necessidade de afeto igual a qualquer outro ser humano no mundo: o mesmo desejo e necessidade de amar e ser amada, de ternura, de proximidade, de intimidade” pelo que “uma atenção particular deve ser dedicada aos cuidados e problemáticas das dimensões afetivas e sexuais das pessoas com handicap”.

Sabemos que todos os seres humanos são sexuados e têm impulsos sexuais que variam de pessoa para pessoa, pois todos temos diferentes formas de expressar a nossa sexualidade, porém, a sociedade vê estas pessoas como se fossem assexuadas e, sendo assim, sem direito à

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 31 A Educação Sexual em Meio Escolar

2

sua realização sexo-afetiva, quando as deveria ver, simplesmente como seres humanos e, como tal, com impulsos sexuais como quaisquer outras (mesmo que não correspondam aos estereótipos de beleza e juventude, impostos pela sociedade). Teoricamente estas crianças são vistas como portadoras dos mesmos direitos (somos politicamente corretos), mas na prática, no quotidiano, negamos, discriminamos, ignoramos.

Então, se os deficientes físicos têm o mesmo desenvolvimento sexual e os mesmos sentimentos que os não deficientes, por que razão não hão de ter uma educação sexual explícita e intencional em vez de estarem privados da liberdade que os levaria a explorar, sozinhos, a sua sexualidade? Um cego, por exemplo, só poderá aperceber-se das diferenças de género, através do tato.

Ao proporcionarmos um clima de à vontade a uma pessoa com incapacidade, certamente que nos serão colocadas questões relacionadas com a sua imagem corporal, com a atração, o desejo...

Os jovens portadores de deficiência têm poucas possibilidades de conviver com outros jovens, de se sentirem desejados ou desejarem alguém e, por isso, torna-se muito difícil viverem a sua sexualidade de forma saudável. Por outro lado, há uma superproteção que faz delas pessoas com muito pouca autonomia. Mas se temos dificuldade em abordar assuntos relacionados com a sexualidade com crianças e jovens ditas normais, com as crianças com deficiência é ainda mais difícil. Não podemos esquecer-nos, por isso, que o processo de socialização das crianças com deficiência tem uma relação direta com a vivência mais ou menos equilibrada da sua sexualidade, que a interação com os adultos que a rodeiam, assim como o contexto onde vivem, serão decisivos no seu desenvolvimento e que se as pessoas com quem a criança lida tiverem atitudes positivas em relação à sua deficiência, certamente que a sua autoimagem e a sua autoestima estarão em harmonia, até porque as crianças nascem sem “moral”, são incapazes de fazer juízos sobre as suas próprias condutas e até aos 7, 8 anos não têm malícia nem vergonha, pelo que têm comportamentos sexuais espontâneos.

A vivência saudável da sexualidade é importante para o crescimento da pessoa com deficiência, mas é necessário apostar na prevenção para que não se transforme num pesadelo para si própria, para os pais, para a instituição que a acolhe.... A prevenção vai no sentido da pessoa com deficiência ter consciência de que tem um corpo que lhe pertence e sobre o qual tem direitos.

() Pós-graduada em Sexualidade Humana, Coordenadora do Núcleo Distrital do Porto da Associação Pais em Rede, docente aposentada que dedicou grande parte da sua vida profissional ativa à Educação para a Saúde, formadora do CFAE_Matosinhos.*